Garatujas

Joaquim de Melo Freitas

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Garatujas

Joaquim de Melo Freitas

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano (Transcrito a partir das imagens disponibilizadas pela Biblioteca Digital da Ria-BibRia)

GARATUJAS

por

Mello Freitas

Bacharel formado em direito, Socio correspondente da Sociedade de Geographia de Lisboa, Socio fundador da Associação dos Jornalistas e Escriptores portugueses e mais nada.

Tem versos naturaes, parecem prosa! Bocage (Sonetos).

AVEIRO

IMPRENSA COMMERCIAL Rua de José Estevam.

1883

* * * * *

Voz no deserto.

João de Deus é incontestavelmente o nosso primeiro lyrico.

Homem que acredita em Deus para não ser um João "Ninguem" que, nas vesperas d'uma epedemia, caiou d'alto abaixo a povoação inteira de Messines, e que no remanso d'alma inventou com affecto um methodo racional de leitura para alegria e allivio das creanças, qual outro mais apaixonado, de maior delicadeza e tão mavioso?

Atraz d'elle grasnou por largo espaço de tempo um rancho de patos

n'uma vozeria medonha imitando-lhe a belleza das rimas, e a estructura da phrase.

A "Morte de D. João" de Guerra Junqueiro produziu de subito um cataclysmo como se se rasgassem as entranhas da terra e uma cratera se abrisse vomitando a lava em rolos de fumo. Todos se julgaram n'esse instante com direito a molharem o pincel nas côres iriadas de tão esplendida palheta, esboçaram por isso com as mesmas tintas os perniciosos fructos do lupanar, cantaram o mercurio, a copahiba e a syphilis, esfalfaram as pluraes dos adjectivos, evocaram a desditosa Ophelia, obrigaram Christo a marchar em todas as linhas das suas estrophes, e finalmente prenderam a cotovia entre alexandrinos caudalosos com os epithetos mais extravagantes bebidos na leitura da opulenta prosa de Flaubert, Zola, e Daudet.

Na esteira phosphorescente do sublime trecho de Soares Passos--"O firmamento"--muitos outros gonfaloneiros da poesia scientifica tem actualmente interrogado o mysterio e a duvida, hasteando um labaro de perguntas mais causticas do que um emplasto de mostarda, pimenta e cantharidas.

O plagiato é o grande affluente, que assopra as vagas empoladas da litteratura.

Vou por certo, estuando e redemoinhando, entre os cachões d'aquelles que não inventam, mas imitam, e hoje que os maiores poetas do nosso paiz arfam dentro de encadernações luxuosas, e gemem em papel velino, no bello typo renascença as suas endechas mais subtis e trascendentes, para me affastar d'elles, e lhes não manchar a chlamyde guerreira, se obedecesse aos impulsos do meu merecimento devia gravar o escalracho dos meus sonetos, carregados de lepra, na

casca doente dos platanos ou imprimil-os, quando muito, em papel pardo. Esta confidencia é talvez esteril, mas urgente.

31 de dezembro de 1882.

Mello Freitas

No Passeio Publico

A charanga transuda uma _gavotte_:
Dois caturras discutem acirrados,
E com bengalas corneas d'estoque
Vibram politica em medonhos brados;

Um coronel solemne, um D. Quichotte
Exige a continencia d'uns soldados,
E trauteando a polka da Mascotte
Giram damas a passos alquebrados;

As _lorettes_ com artes de raposa
Perseguem os alferes; conjecturo
Que não seja talvez p'ra boa cousa.

Finalmente um burguez, nedio, maduro
Ri do estado inter'ssante de sua esposa
Porque se julga o pae do nascituro.

Forget me not.

(não me esqueças)

Não te esqueço, florinha humilde e bella
Que tornas a campina um firmamento,
Innocente, sublime bagatella,

Joia viva, risonho monumento.

Não sei que poesia encontro n'ella,
Que instilla em roda ethereo, vago alento
Tão breve, tão discreta, tão singela,
Qual pyrilampo, o nitido portento.

N'essa titilação fosforescente,
Lagrima-esmalte da urze tão subtil,
Abrandas as escarpas da torrente

Mensageira do lascivo mez de abril
Quem te não ama, o coração não sente
Miniatura com petalas d'anil!

Vendetta

Juraste a minha perdição, ingrata,
A quem adóro como adóro a vida
Casta flôr, flôr de neve estremecida,
Que sorris, quando o teu olhar me mata.

Gravei no peito aquella rubra data
Em que te vi, amor! qual na avenida
Se entalha na fiel casca endurcida
O nome da huri, que nos maltracta

E, apesar de seres tão bella e mansa,
Folgas que a desventura me persiga
Dilacerado de cruel esp'rança.

Seja assim! É atroz minha vingança,
Pois que amôr e odio tanto me castiga,

Cada vez te amo mais, dôce inimiga.

Desditosa cecem!

Pobre flôr, que se estiola
Na vertente da montanha,
Ninguem aqui te consola
Fria sombra te acompanha.

Commoção que te desola!
Uma peçonhenta aranha
Sobre a nitida corolla
A sua rede emmaranha!

Quem te lançou no degredo
D'este acerbo pavimento
Para te olvidar tão cêdo?

--A meus paes fugi mesquinha
Fugi nas azas do vento
Triste sorte foi a minha!...

O Marquez de Pombal

Le Roi Faineant cerrará os olhos
E partira entre nuvens para o ceu
Surge, depois, na côrte um escarceu
Que brame da vingança nos escolhos

D'altas vagas de bronze nos refolhos
Poz a Intriga um galeão como trofeu
A effigie de Pombal tinha em labeu
Jaz na poeira, no olvido, e nos abrolhos.

Então a Inveja alastra a baba escura
Qual serpente, que as roscas ennovela
E a empreza do ministro transfigura.

Entretanto o Marquez com amargura
Diz fitando a grosseira caravella:
--_Lá te vaes Portugal agora á véla._--

Abandonado!

Uma fita prendi côr de saphira
No leve, tenue pé d'uma andorinha;
Este anno regressou a pobresinha
E junto ao ninho seu constante gira.

Quando o sol no horisonte se retira
Esvoaça em redor de mim sósinha;
Tambem esta alma, soffrega, mesquinha
Por ti enfeitiçada geme, expira.

Ella na espuma branca, qual arminho
Foge no mar á raiva dos açores
Não perdendo a lembrança do seu ninho

Só tu na primavera dos amores,
Como vibora occulta em rosmaninho,
De mim te olvidas na estação das flôres.

Garibaldi

(Fallecido a 1 de junho de 1882.)

É morto o _condottiere_, o paladino

Soldado da rasão e da justiça
Forasteiro, que o sangue desperdiça
Nas refregas do tragico destino.

Genio do bem, suave e peregrino
Estatua de luz e amor toda massiça
A cujo aspecto a multidao submissa
Se agrupa em alvoroço repentino,

Guerrilheiro da America indomavel
Espada de Dijon, e da Marsalla,
De Napoles e Roma inconsolavel!

O solitario de Caprera é morto,
E, quando o heroe no tumulo resvala,
Um calafrio gela o mundo absorto.

Imprecação

Para que te amava eu? Corpo d'espuma
Cruel enlevo de labios setinosos
Onde bailam desejos luminosos
Estrella, que de luz o ceu perfuma.

Para que te amava eu? Que densa bruma
Me offusca de saudade em tons nervosos
Desfolhando com gritos lacrimosos
As petalas d'amôr uma por uma?

Para que te amava eu? oh! praza aos ceus
Que em quanto o sol girar pelo universo
Naufragues da paixão nos escarceus.

E porque soffro na tristeza immerso,
Pallido goivo ao pé dos mausoleus,
Oxalá que o amôr te seja adverso!

O terremoto

Com fragor açoitando a vaga escura,
O temporal irado, espumacento
Cavalga um perfido corcel--o vento--
Que solta gargalhadas de bravura.

Treme a terra, e com horrida figura,
Como Athlante, sacóde o turvo argento;
Nos gonzos oscillando o pavimento,
Dançam torres no assomo da loucura.

Vae o fogo alastrando o aureo manto,
As ruinas trucidam fugitivos,
Que sangrentos se abraçam convulsivos!

--O que fazer?--inquire o rei em pranto,
O ministro lhe diz com nobre espanto:
--_Sepultar mortos, e cuidar dos vivos._--

Entre palmeiras

Faiscam os jaezes dos Cavallos,
Vibra o som dos clarins pela athmosphera;
No dorso de elephantes reverbéra
A seda e prata em crebros intervallos.

Rodeado de innumeros vassallos
Intrepido radjah de côr austera

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com